

COMPREENSÕES E REFLEXÕES SOBRE OS FEMINISMOS: O QUE PENSAM OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO?

Autor (1): Elane Rocha Andrade
Co-autor (2): Cheirla dos Santos Souza

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB /Núcleo Capitu

elane.rocha@yahoo.com.br

cheirlinha@gmail.com

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência da realização de uma Oficina Temática denominada “Compreensões e reflexões sobre os feminismos: o que pensam os movimentos sociais do campo? ”, desenvolvida pela FASE¹ para sua equipe técnica e lideranças dos movimentos sociais do campo dos Territórios Vale do Jiquiriçá e Baixo Sul da Bahia. Teve como objetivo ouvir os sujeitos e analisar a compreensão destes sobre a temática e, ao mesmo tempo, contribuir para o aprendizado de novas formas de abordagem. Durante dois dias foram desenvolvidas várias atividades utilizando recursos áudio visuais, exposição dialogada e dinâmicas de grupo. Como resultado dessa significativa experiência percebemos que os movimentos sociais do campo não detinham uma compreensão conceitual sobre a temática “feminismos”, voltando-se muitas vezes para questões das lutas de direitos agrários deixando de lado a formação política, sobretudo no que diz respeito à mulher, sua participação e seu papel nos movimentos sociais. A partir desta oficina muitos relatos de mulheres indicam o reconhecimento de suas experiências vividas como “feministas”, por entender que suas lutas diárias frente aos movimentos sociais do campo também são formas de defesa de alargamento de direitos, portanto, práticas feministas. A oficina evidencia a necessidade de epistemologias e conceitos emersos das experiências concretas dos femininos no campo que não colonizem suas práticas e modos de lutar.

Palavras Chave: Movimentos Sociais do campo, Feminismos, práticas campesinas.

¹ Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional: ONG que trabalha com organização social e educação popular nos Territórios Baixo Sul e Vale do Jiquiriçá, a mesma atua nesta região desde 1988 e tem desenvolvido diversas atividades com lideranças sindicais.

Introdução:

A história de luta e organização das mulheres trabalhadoras do campo vem se construindo juntamente com a história de luta dos diversos movimentos sociais do campo, os anos 80 certamente representa um marco em que a mobilização das mulheres por sua valorização e reconhecimento como trabalhadoras do campo se intensificou.

As camponesas organizadas estiveram e estão presentes em varias lutas pelo direito a terra, a conquista dos direitos básicos dos camponeses, direito a sindicalização, a luta por uma educação que dialogue com o campo, por direitos previdenciários (salario maternidade, aposentadoria de 55 anos,) e tantas outras lutas. No entanto muitas dessas mulheres ao longo se suas vidas tiveram que conviver e enfrentar diversos preconceitos de gênero por parte de uma sociedade marxista, sexista e patriarcal. Para construir seu espaço foi necessário que as mulheres camponesas se organizassem, criando iniciativas para quebrar preconceitos, e violências tanto no espaço familiar como nos movimentos sociais do campo e na sociedade. Diante dessas considerações, Scott afirma que “os indivíduos não serão tratados com justiça até que os grupos com os quais eles são identificados sejam igualmente valorizados” (2005, p.13).

Dentro dos movimentos sociais do campo a temática do feminismo se faz cada vez mais necessária considerando que muitos desses movimentos centram suas discussões nas estratégias de luta pelo direito a terra, a sementes, e muitas vezes inferiorizam as lutas das mulheres.

O espaço de formação que alguns movimentos propõem para discutir o feminismo é para garantir que as mulheres camponesas tenham a oportunidade de construir suas historias mediante a participação e troca de experiências. A participação e o conhecimento das discussões que perpassam pelo feminismo contribuem para o empoderamento das camponesas, principalmente quando elas se apropriam dos espaços coletivos, de experimentação e gestão coletiva. Empoderamento aqui descrito sobre a perspectiva da feminista indiana Batliwale (1994) considerando que para a mesma empoderamento é o processo de questionar as ideologias e relações de poder patriarcais vigentes. Dessa forma muita delas passam a se perceber enquanto feministas e reconhecer a necessidade de desconstruir desde a sua própria famílias as varias formas de preconceitos e machismo que enfrentam, pois é pelo reconhecimento das desigualdades que elas começam a enfrentar os desafios de forma que podemos denominar essa luta de “feminismo camponês”, pois o principal objetivo é romper com as relações de poder dos homens sobre as mulheres, sobretudo dentro do próprio movimento.

O presente trabalho é um relato de experiência da realização de uma oficina temática denominada “Compreensões e reflexões sobre os feminismos: o que pensam os movimentos sociais do campo?” Realizado no município de Mutuípe – BA no ano de 2017, pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE, uma ONG que trabalha com organização social e educação popular nos territórios do Baixo Sul e Vale do Jiquiriçá, a mesma atua nessas regiões desde o ano de 1988 e tem desenvolvido diversas atividades com os movimentos sociais e sindicais, sobretudo em relação à formação das lideranças.

O presente trabalho, o qual tornou para nos um relato de experiência teve como objetivo ouvir os sujeitos e analisar a compreensão sobre a temática, e ao mesmo tempo, contribuir para o aprendizado de novas formas de abordagem.

Metodologia:

A atividade teve duração de dois dias, envolvendo diversos municípios dos territórios do baixo sul e vale do Jiquiriçá, com uma participação expressiva de mulheres que estão à frente de alguns movimentos sindicais e sociais do campo. Durante os dois dias foram trabalhados alguns temas, sendo que no primeiro momento foi realizada uma análise da participação das mulheres nos movimentos sociais do campo, reflexão das políticas públicas para as mulheres dentro dos dois territórios e uma reflexão do que representa para as mulheres as reformas do governo atual. No segundo momento foi apresentado um breve histórico da origem do feminismo no mundo e as diversas formas de feminismo bem como as bandeiras de luta do feminismo.

O trabalho foi coordenado por Luiza de Marillac que é integrante do coletivo de assessoria da Causa 04 da FASE (Organização das Mulheres como Sujeitos de Direito).

A metodologia utilizada nos dois dias foi baseada em exposição dialogada, roda de conversa, exibição de vídeo, documentários e trabalho em grupo. Toda a atividade teve registro fotográfico e por final foi produzido um relatório pela equipe da FASE.

Você se auto define como feminista?	Por que você se diz feminista?	O que é ser feminista?
Não me defino como feminista.	Porque não posso me definir pelo que não sei o que é.	Existem muitas respostas, as quais ainda não entendo.
Não sou.	Porque não tenho uma definição de feminismo.	Defesa das causas das mulheres, seus direitos; Romper com o que está posto e nos oprime.
Sim.	Luto por igualdade de direitos. Busco a visibilidade	Defender direitos, lutar pela igualdade, ver a mulher como ator político

	da mulher como ator político.	e tornar isso realidade.
Sim.	Por assumir a posição de um homem, a mulher hoje não precisa de homem, para garantir o alimento, ou despesas em geral da casa.	Assumir o mesmo papel que o homem, obtendo os mesmos direitos.

No quadro síntese abaixo apresentaremos uma dinâmica feita com o grupo no início dos trabalhos com a temática do feminismo para um prévio olhar sobre as concepções dos participantes sobre o feminismo, conduzido por três questionamentos: Quem se auto define feminista?/ Por quê?/ O que é ser feminista?



Figura 1. Dinâmica de grupo

Arquivo: FASE



Figura 2: Discursão em grupo. Arquivo FASE



Figura 3: A palestrante esta conhecendo melhor p grupo a ser trabalhado. Arquivo: FASE



(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br

Resultado e discussão:

A oficina teve uma participação positiva em que as/os participantes expressaram muitos de seus pensamentos, inclusive algumas falas de assumir a cultura embebida de marxismo, porém diante de vários debates e reflexões todos demonstraram posições de reconhecimento da necessidade de assumirmos novos posicionamentos e atitudes perante a nossa sociedade. Uma das falas registradas que demonstram muito desse posicionamento é a fala a seguir:

“Por algum tempo as lutas dos camponeses se resumia a luta pelo direito a terra, contra o sistema perverso do capitalismo, mas tarde se intensificou a luta contra o uso de agrotóxicos e transgênicos. Porém para além da luta pelos direitos agrários, nós mulheres compreendemos a necessidade de limpar a nossa sociedade de toda forma de exploração das mulheres, pois a luta é também uma luta pela não exploração das mulheres, nesse sentido essa luta se articula a tantas outras lutas, como por exemplo a luta da não exploração dos negros, dos povos indígenas e dos seguimentos LGBTs. Hoje compreendemos que a luta ultrapassa a luta dos direitos agrários, pois não basta esta livre dos agrotóxicos, é preciso que nós mulheres estejamos livres das relações exploratórias, de dominação e poder que nos aprisionam, que nos oprime”. (fala de participante camponesa e liderança sindical do Vale do Jiquiriçá, 2017).

Nesse sentido fica nítido que a luta dos movimentos sociais do campo, sobretudo no que desrespeita a participação da mulher ultrapassa as lutas dos direitos agrários. Que as mulheres estão cada dia mais buscando o empoderamento pessoal e coletivo a fim de superar as desigualdades socialmente construídas.

Outro olhar muito importante das mulheres camponesas expressa na atividade é para a necessidade de reconstruir uma nova história com a consciência que esse processo perpassa pela educação e a nova geração. Assumindo novos princípios, como, a liberdade, a autonomia e o “bem viver” no lugar em que habita.

Conclusões:

Foi de extrema importância recorrer à história de luta do feminismo, desde seu surgimento até a atualidade para a compreensão de que o feminismo não é “bicho de sete cabeças” como muitas vezes a mídia circula de forma “banal” e as pessoas interiorizam, mas algo presente no cotidiano da vida das mulheres camponesas, que lutam por melhores condições de vida, de trabalho, de qualificação, de participação política, de direito sobre seu corpo, do direito de não ser violentada por ser mulher. A partir desse encontro muitas lideranças saíram assumindo novos posicionamentos, bem com assumindo o compromisso de buscar outros espaços de diálogo sobre o feminismo bem

como desenvolver leituras para o empoderamento pessoal dessa temática. Para a partir de então pensar estratégias de como contribuir para que outras mulheres camponesas possam vir participar desse processo de luta, que representa a quebra das correntes em que o colonizador tenta aprisionar as mulheres até os dias atuais.

Referências:

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

BATLIWALA, Srilatha. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln C. (Ed.). Population policies reconsidered: health, empowerment and rights. Boston: Harvard University Press, 1994. p. 127-138.